

A BOLA ROLA MAIS QUE AS MULHERES: A DIFÍCIL BUSCA DE IDENTIDADE NO PAÍS DO FUTEBOL (MASCULINO)

Osmar Moreira de Souza Júnior¹; Alexandre Sasaki Rosa²; Daniela dos Santos³; Flávia Casellato³; Marina Belizario de Paiva Vidual⁴; Mariana de Sousa⁵; Fernanda Bueno Mendes⁶

INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto dos encontros da ACIEPE⁷ “Futebol e gênero”, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar – São Carlos) que foi oferecida no segundo semestre de 2009, pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH), contando com a participação de 19 alunos de diferentes cursos de graduação da universidade e de duas estagiárias bolsistas.

Em um total de 15 encontros durante o semestre o grupo discutiu artigos que relacionam o futebol e as ciências humanas, sendo que uma parte dos artigos enfatizava a temática gênero. Além das leituras e discussões, foram assistidos filmes e documentários sobre o futebol, bem como algumas vivências de jogos de futebol entre os integrantes do grupo e uma viagem na qual o grupo visitou o Museu do Futebol, assistiu a um jogo do Campeonato Brasileiro de 2009 e à final da Copa Libertadores de Futebol Feminino.

Como trabalho de conclusão da ACIEPE, os alunos em grupos visitaram locais da cidade de São Carlos, nos quais havia meninas que praticavam futebol e realizaram 3 observações de campo e 3 entrevistas com garotas praticantes da modalidade em cada um destes locais. As entrevistas semi-estruturadas versavam sobre os interesses e expectativas destas garotas em relação à prática do futebol.

Assim, o objetivo do presente estudo consiste em verificar os interesses e expectativas de garotas praticantes de futebol, em relação às possibilidades da modalidade se configurar em uma alternativa de lazer e/ou treinamento/profissão em suas vidas.

¹ Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar.

² Educador do CEFER (USP – São Carlos); Professor Assistente I da Universidade Paulista (UNIP).

³ Alunas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSCar.

⁴ Aluna do curso de Psicologia da UFSCar.

⁵ Aluna do curso de Pedagogia da UFSCar.

⁶ Licenciada em Educação Física pela UFSCar.

⁷ ACIEPE (Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão) constitui-se em uma modalidade educativa, cultural e científica da Universidade Federal de São Carlos, que busca materializar a indissociabilidade entre as instâncias do ensino, da pesquisa e da extensão.

1. A BOLA CORRE MAIS QUE OS HOMENS

Em meio a tantos outros esportes, por que razão o futebol exerce tanto fascínio em todo o planeta, estabelecendo, como afirma Wisnik (2008), uma espécie de língua geral que coloca em contato as populações de todos os continentes?

O próprio Wisnik (2008) nos ajuda a responder esta questão ao afirmar que:

(...) o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo inteiro, como modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas (p. 14).

De acordo com Pascal Boniface (citado por WISNIK, 2008) o império do futebol, conquistado de forma pacífica com adesão entusiástica dos povos conquistados, é liderado por uma única superpotência. O Brasil, esta superpotência, estaria, segundo o autor, muito adiante de um grupo de potências representados por países como Alemanha, Itália, Inglaterra, França etc., incapazes de ameaçar seu reinado.

Para Boniface, diferentemente da hegemonia político-econômica do império norte-americano, a hegemonia brasileira no futebol suscita, como nunca, uma grande simpatia e admiração por parte dos demais países que compartilham do gosto pelo nobre esporte bretão.

O autor reforça esta perspectiva, ao assumir que o império brasileiro sobre o futebol confere um caráter lúdico a este universo, subvertendo a lógica dos imperialismos políticos, econômicos ou militares, constituindo-se assim em um “contra-império” legitimado de maneira autêntica, espontânea, admirativa e popular, tendo como embaixadores ídolos mundiais como Pelé, Ronaldo ou Ronaldinho e o futebol que estes atletas representam, manifestos nos centros e nas periferias mais distantes, no Haiti, na África, no Afeganistão ou no Iraque (WISNIK, 2008).

Entendemos que, ufanismos a parte, é possível assumirmos que o futebol brasileiro construiu e legitimou uma identidade, reconhecida mundialmente que se traduz na forma de jogar, mas, principalmente, na maneira intensa pela qual o povo brasileiro vivencia o futebol em seu cotidiano, seja por meio das “peladas” em campos, praias, ruas ou quadras, seja pelo papel de torcedor que frequenta os estádios, assiste aos jogos em bares ou em suas próprias casas, seja pela presença do futebol na música, no cinema, nas campanhas publicitárias que vendem desde aparelho de barbear até cerveja, enfim, o brasileiro, querendo ou não, “respira” o futebol.

Neste mesmo sentido, o filósofo europeu Vilém Flusser (citado por WISNIK, 2008) admite que o futebol brasileiro é ontologicamente diferente do futebol europeu. Pois, enquanto na Europa o futebol constituiu-se, historicamente, em uma forma de fuga que se abriu ao proletariado, no Brasil ele serviu como canal para uma “relação autêntica intra-humana”, ou seja, lá o futebol faz esquecer a realidade e aqui ele é a realidade.

Deste modo, segundo DaMatta (2006):

(...) no trabalho e na “vida” estamos limitados: somos apenas isso ou aquilo, homens ou mulheres, jovens ou velhos, ricos ou pobre, burros ou inteligentes, malandros ou trouxas, estudiosos ou vadios... Mas através do nosso time de futebol temos a oportunidade de experimentar, regularmente, tanto a vitória que glorifica e exalta quanto a derrota que frustra e deprime (p. 163).

Um cenário semelhante a este apresentado por Roberto DaMatta pode ser retratado em uma das cenas do filme “Linha de passe” do diretor Walter Salles, na qual a personagem ‘Cleuza’ vivencia intensamente o futebol, encontrando no estádio e em sua relação com o time de coração (Corinthians) a possibilidade de compartilhar coletivamente sentimentos e expressões que contrastam com as dificuldades enfrentadas no seu cotidiano.

2. A BOLA CORRE MAIS QUE AS MULHERES

2.1. As esferas pública e privada como arenas de legitimação das desigualdades de gênero

Durante a história da humanidade não se pode negar que homens e mulheres sempre tiveram suas identidades vigiadas e concebidas pelas condicionantes culturais e sociais.

Analisando especificamente as culturas ocidentais, podemos assumir que esta construção sócio-cultural dos corpos resultou em privilégios para os homens, em detrimento de cerceamentos para as mulheres, reservando para os primeiros o espaço público e para as segundas o espaço privado.

De acordo com Hargreaves (1993)⁸ as esferas do trabalho e do lazer constituem-se em espaços altamente generificados, existindo um inegável vínculo entre renda, poder cultural e relações de gênero, através do qual admite-se que as mulheres subordinam-se economicamente aos homens, o que afeta diretamente suas atitudes e acesso ao lazer.

⁸ Tradução livre dos autores, do artigo em espanhol.

A autora reforça tais afirmações ao sinalizar que o trabalho doméstico⁹ constitui-se em uma atividade exclusiva da mulher, bem como a criação dos filhos, enquanto que o homem, usufruindo do espaço público, assume o papel de provedor do lar, sendo reconhecido socialmente pelo seu trabalho assalariado. Nesta lógica, a mulher encontra-se dependente do capital masculino e tem no dinheiro e no lazer uma espécie de bônus pela dedicação na administração do lar.

A feminista Christine Delphy (apud FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009) corrobora esta análise, acrescentando que “a família permanece o lugar de uma exploração econômica das mulheres; (...) daí a apropriação material pelos homens de sua força de trabalho, qualquer que seja seu estatuto familiar, quer sejam elas esposas, mães, filhas ou irmãs” (p. 258).

Este mesmo trabalho doméstico acaba por criar condições para que os homens disponham de tempo livre para o lazer, mais especificamente para o esporte. Ou seja, enquanto a mulher assume todas as atividades domésticas, ela abre mão de seu tempo de lazer e ao mesmo tempo subsidia o lazer do homem, fazendo com que este quadro legitime o lazer e mais especificamente o esporte como espaços exclusivamente masculinos.

(...) grande parte do esporte masculino depende da exploração do trabalho feminino sem remuneração, razão da motivação de muitos homens a oporem-se à igualdade e aos intentos das mulheres por participar ativamente no que eles (como varões) consideram espaço exclusivo (DUNNING, 2003, p. 272)¹⁰.

Neste sentido a entrada da mulher no mercado de trabalho e no esporte, pode ser considerada como uma ameaça ao “estilo de vida masculino”, que tende a criar mecanismos para se perpetuar.

Um destes mecanismos, segundo Hargreaves (1993), constitui-se no controle masculino sobre o lazer feminino. Estudos indicam que homens controlam o tempo que suas esposas, namoradas ou filhas empregam em todo tipo de atividade social, reagindo de forma agressiva quando elas questionam sua autoridade.

2.2. O futebol como arena de afirmação/validação de masculinidade

Moura (2005) afirma que o futebol pode ser entendido como uma área exclusiva masculina, na medida em que em determinado momento, no qual as mudanças socioeconômicas e

⁹ Adotamos a definição de trabalho doméstico proposta por Fougeyrollas-Schwebel (2009) no Dicionário crítico do feminismo, segundo a qual “Definimos o trabalho doméstico como um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto família-domicílio conjugal e parentela – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres” (p. 257).

¹⁰ Tradução livre dos autores, do livro em espanhol.

familiares corroeram o alicerce da identidade e dos privilégios dos homens, abriu-se o espaço para que o esporte se tornasse expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais e o esporte organizado tornou-se a principal experiência de validação da masculinidade.

Cabe assim o questionamento em relação ao status que o esporte assume na atualidade, tendo em vista que não sendo objeto de reflexão predomina no imaginário coletivo a idéia de que o esporte sempre existiu em nosso meio. Tal percepção tende a mascarar a condição do fenômeno esportivo enquanto uma criação do homem na modernidade, para atender a determinadas demandas da sociedade.

Para Hargreaves (1993) o modelo popular do esporte britânico materializa a crença estendida de que homens e mulheres têm naturezas biológicas e psicológicas fixas, essencialmente diferentes, sendo que o esporte constitui-se em um domínio natural dos homens. A autora admite ainda que o esporte constitui-se em uma fonte importante de discriminação sexual, na medida em que o desportista representa o foco simbólico do poder masculino.

Neste sentido os esportes de contato como o futebol, estão ligados totalmente ao ideal de força e arrogância masculino, em contraposição às representações de timidez, fragilidade e dependência vinculadas ao universo feminino (MOURA, 2005). Assim, a força e a agressividade, próprios de atividades como o boxe, o rúgbi ou o futebol implicam a idéia de que os homens se preparam também para o trabalho e a batalha e, pelo contrário, os esportes considerados “femininos” como a ginástica, o nado sincronizado e a patinação no gelo, enfatizam o equilíbrio, a coordenação, a flexibilidade e a graça, e idealizam as imagens populares de feminilidade.

Hargreaves (1993) lembra ainda que o conflito entre a participação em esportes vigorosos e as imagens de feminilidade é óbvio. Isso se reflete na recorrente utilização de imagens de mulheres atuando nos esportes considerados “mais apropriados” a elas – como o tênis, a ginástica, a patinação e a natação – para veiculação em revistas femininas, externando ainda o ideal de mulher-objeto para satisfazer os desejos masculinos, por meio de fotos provocantes e sensuais.

Sob esta mesma ótica, Goellner (2005) discute e critica a utilização do apelo à beleza e à erotização dos corpos femininos como uma estratégia de marketing, no sentido de atrair uma quantidade maior de espectadores aos estádios e conseqüentemente, patrocinadores ao esporte, no caso o futebol.

A autora reforça tais afirmações recorrendo à estratégia adotada pela Federação Paulista de Futebol (FPF) que explicitava em seu regulamento do campeonato paulista de futebol feminino

de 2001, a expectativa de realizar um evento no qual seria valorizada a questão estética e não apenas os aspectos técnico-táticos.

Referindo-se ao mesmo episódio, Franzini (2005) classifica a estratégia levada à cabo pela FPF e pela empresa Pelé Sports & Marketing como mais um demonstrativo da ideologia machista que predomina no universo do futebol brasileiro. Segundo o autor, a prerrogativa assumida pelos organizadores do torneio, segundo a qual deveriam ser implementadas ações que enaltecessem a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino, poderia ser traduzida como calções minúsculos, maquiagem e cabelos longos, presos em rabos-de-cavalo.

Este cenário sustenta a imagem da atleta símbolo sexual, que deve assumir os atributos de sensualidade em uma instância superior aos atributos de atleta. A mulher atleta que não se enquadra neste perfil passa a ser taxada como lésbica ou “mulher-macho” (HARGREAVES, 1993).

A título de exemplo é possível verificar que as meninas que jogam futebol, conforme afirma Seabra Júnior (2009):

(...) são estereotipadas como “machonas”, homossexuais, já que o futebol é colocado como “coisa de homem”; de outro lado os meninos apresentam uma tendência de se comportarem como “os donos da bola”, assumindo muitas vezes comportamentos agressivos, externados física e/ou verbalmente contra as meninas, na intenção de exercer seu papel de dominação, mostrando por meio do futebol sua masculinidade (p. 3).

Estes mecanismos de dominação utilizados como forma de expressão da masculinidade, podem ser encontrados na tendência dos homens a se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes que eles consideravam como uma reserva particular, conforme apontam Dunning e Maguirre (citados por MOURA, 2005).

Em contrapartida, não se pode perder de vista as inúmeras conquistas da mulher no espaço público, permitindo que cada vez mais elas ocupem territórios ditos masculinos na esfera do esporte e do lazer.

De acordo com Dunning (2003) estas conquistas estariam motivadas por fatores como a busca pelas mesmas satisfações miméticas, sociais e de mobilidade obtidas pelos homens nos esportes, juntamente com melhoria na identidade, auto-estima, segurança e hábitos, bem como pelo desejo de igualdade com os homens, superando as frustrações impostas por experiências de coação e limitações impostas tradicionalmente ao papel feminino.

Seguindo esta lógica, o autor admite que as mulheres têm obtido consideráveis avanços em esportes que tradicionalmente são considerados como inadequados para o sexo feminino, como o boxe o rúgbi e o futebol. Tais esportes envolvem o contato corporal e/ou formas de combate que realçam a combinação de força, agressividade e velocidade, entrando em contradição com as noções socialmente dominantes de feminilidade.

No entanto é importante que se tenha em mente que a aproximação da mulher com o universo do esporte e, em especial, àquela instância do esporte legitimado como masculino, quase sempre se faz por meio de lutas que envolvem avanços e retrocessos.

No documentário “Deixa que eu chuto”¹¹, que trata da realidade do futebol feminino brasileiro, podemos assistir a uma constante luta pela auto-afirmação de meninas e mulheres, pelo e para o futebol. Nesta luta, cabe destacar o depoimento de uma das garotas, Aline, que de forma bastante lúcida sinaliza - não exatamente com estes termos - para as desigualdades entre o futebol feminino e masculino, como representação de um contexto macro-social, traduzido tanto na construção cultural dos corpos masculinos e femininos, como pelo enorme abismo entre as condições enfrentadas pelas mulheres que pretendem jogar futebol e desfrutadas pelos homens que jogam futebol.

No mesmo documentário, chama a atenção o depoimento da atleta Nildinha que admite que realizar sonhos no futebol feminino estaria ligado a ter uma casa própria e viver bem e, da jogadora Marta que sonha com uma liga de futebol no Brasil para que as próximas gerações tenham uma boa estrutura para jogar e viver de forma digna, coisa que a sua geração não teve.

3. MENINAS QUE CORREM ATRÁS DA BOLA

A partir das entrevistas com 15 meninas¹², com idades entre 12 e 25 anos¹³, praticantes de futebol em diferentes espaços da cidade de São Carlos-SP, procuramos traçar algumas categorias de análise, que nos possibilitassem apreender alguns dos significados sócio-culturais que estariam associados aos interesses e expectativas que movem estas meninas a enfrentarem uma série de

¹¹ “Deixa que eu chuto”: documentário vencedor do prêmio Pitching GNT 2009, dirigido por Alfredo Alves, com produção da Bemvinda Filmes.

¹² Para a apresentação e análise dos resultados, os nomes das entrevistadas foram trocados por nomes fictícios.

¹³ Pelo fato das entrevistas terem sido feitas por diferentes grupos, em alguns casos as idades não foram identificadas.

condicionantes que imperam em nossa sociedade, que configuram-se em barreiras à prática do futebol pela mulher.

3.1. Apoio da família

O primeiro aspecto que chama a atenção nos depoimentos das meninas entrevistadas, diz respeito ao apoio ou reprovação que recebem de familiares em relação à prática do futebol.

Algumas meninas recebem total apoio dos pais, como demonstra a resposta de Maria (17 anos):

Maria¹⁴ - Sempre tive. Minha família inteira sempre me incentivou a jogar e tudo mais. Eu sempre pratiquei muito esporte sabe, mas futebol foi o que mais me incentivaram, porque eu sempre gostei aí eu acho que por me ver feliz a família sempre me incentivou.

Em contrapartida, o depoimento de Laura, universitária, revela as dificuldades enfrentadas por garotas que não recebem o apoio dos familiares:

Laura - Comecei a treinar futsal há pouco tempo, ironicamente. Apesar de sempre ter sido fã, nunca tive apoio para entrar para algum time. Inclusive paguei com meu próprio dinheiro o primeiro tênis de futsal, enquanto que meu irmão ganha chuteiras desde pequeno.

Ele é mais novo que eu e apesar de não ser muito fã, treina desde os 10 anos para agradar meu pai, que faz questão dele jogar. Ainda acho que ele se daria melhor em esportes individuais, como lutas (ele já fez judô e adorava) ou mesmo outro esporte com bola, como o handebol.

Hoje treino na Federal, mas só não sofro preconceito por parte da minha mãe por estar dentro da faculdade. Não tem mais aquele discurso de que futebol não dá futuro, já que estou estudando para ter um “futuro”. Sinto que para os meus pais futebol tem que ser lazer para mim, enquanto que meu irmão sofre pressão de meu pai para jogar bem, um dia ganhar dinheiro, etc.

No depoimento de Carolina (adolescente de 16 anos que frequenta uma escolinha de futebol), a família também aparece como um obstáculo para a prática do futebol, mas o que mais chama a atenção em suas respostas é a frustração em relação a esta falta de apoio. Sentimento este, que Carolina deixa transparecer de forma recorrente em diferentes momentos da entrevista:

Entrevistador: Primeiro vamos falar um pouquinho como é sua história, como surgiu a sua relação com o futebol. O que você pode dizer?

Carolina: Eu jogava futebol desde pequena. (...) Sempre gostei, mas minha mãe nunca quis que eu jogasse na escola.

¹⁴ Para a apresentação das falas das participantes, foi mantido o discurso original, preservando-se inclusive os eventuais erros gramaticais.

Carolina: Minha mãe não gosta na verdade, nem um pouco.

Entrevistador: E como está hoje em dia, mesmo depois de três anos você jogando aqui, tendo participado de várias atividades, conhecido várias pessoas... Como que está essa relação?

Carolina: Minha mãe não gosta, não aceita. Tanto é que ela nunca veio aqui, ela nem conhece meu professor, nada. Mas ela não fala nada, ela não proíbe, mas também não gosta.

Entrevistador: Ela não incentiva?

Carolina: Não, ela não incentiva. Por ela, eu nem jogava. Ficava em casa. Ela não gosta. Ela fala que futebol é para homem, não para mulher.

Entrevistador: Agora fala um pouquinho em relação aos seus interesses e expectativas com relação ao futebol.

Carolina: Eu sempre pensei em jogar em um time grande, jogar para fora, tal. (...) Então é bem difícil, principalmente não tendo o apoio da família, como é o meu caso. É complicado.

Estes depoimentos reforçam a idéia de um mecanismo masculino de controle sobre o lazer feminino, apresentado por Hargreaves (1993). Controlando o tempo que suas esposas e filhas empregam em todo tipo de atividade social, os homens perpetuam a lógica que faz com que a esfera do lazer e mais especificamente a esfera esportiva, sejam socialmente legitimados, como aponta Moura (2005), enquanto uma reserva exclusiva masculina. Assim, o futebol pode ser visto como um espaço de validação e afirmação da masculinidade, que pode ser traduzido no fato do pai comprar chuteiras para o filho, enquanto a filha precisa comprar seu tênis de futsal com o próprio dinheiro. Este tipo de atitude contribui para a manutenção de valores machistas, estabelecendo fronteiras e demarcando de forma clara que o esporte não é para elas.

3.2. Preconceito e discriminação

De acordo com os depoimentos das meninas entrevistadas, o aspecto que mais se destacou foi o preconceito e discriminação sofridos pelas meninas que praticam o futebol.

A sociedade ainda hoje é extremamente conservadora e não admite que as mulheres participem de ambientes particularmente masculinos. A discriminação e o preconceito contra as mulheres ainda são evidentes nas práticas de algumas modalidades esportivas, como o futebol.

Esses valores morais que permanecem na sociedade ficam evidente no discurso das entrevistadas. Nas entrevistas realizadas durante esta pesquisa encontram-se discursos que comprovam tal discriminação sofrida pelas mulheres que praticam futebol, como no caso de uma das participantes de 16 anos que ao ser questionada sobre a existência da discriminação nesta modalidade, responde:

Carolina - (...) Sim, mas não pelo fato de jogar futebol, é pelo que vêm pelo futebol. Por nomes que você leva, também. Muitas vezes a discriminação vem por aí. Não pelo fato do futebol, mas eles dizem que toda menina que vai jogar futebol vai ser “sapatão”, vai ser lésbica. É aí que vem a discriminação.

Segundo Goellner (2005), discursos como este evidenciam o quanto talento e corpo de algumas atletas produzem uma imagem estereotipada, em especial aquelas cujo comportamento e aparência extrapolam os limites estipulados como identificadores da identidade de cada gênero.

3.3. Interesse e expectativas

Durante a análise dos resultados encontramos diversos relatos abordando os valores atribuídos ao futebol para cada participante entrevistado. É importante ressaltar que a prática desta modalidade desperta interesses no que diz respeito ao campo do lazer, da atividade física e de um futuro profissional.

Assim, no caso das participantes mais jovens verifica-se que ainda há a expectativa de tornarem-se jogadoras de nível profissional, como pode ser observado na fala da entrevistada de 11 anos de idade:

Larissa - Pra mim... eu... quero... subir na vida. Eu quero poder ser jogadora de futebol mesmo. Poder jogar num time tipo de... Porque aqui é só um treinamento né. Então eu quero tentar entrar numa outra escola, tentar jogar melhor. Pra mim conseguir subir um pouco na vida...

O discurso de outra entrevistada (16 anos) reflete o sonho de jogar profissionalmente, apesar da conscientização das dificuldades que esta modalidade impõe ao público feminino:

Carolina - Eu sempre pensei em jogar em um time grande, jogar para fora, tal. Eu tenho o interesse de jogar para outro time, para um time profissional, enfim maior. Aqui tá crescendo e tudo mais, mas eu tenho um sonho de ir para fora, pensar em chegar em uma seleção, mas aqui em São Carlos é meio difícil isso, até porque não tem muito apoio. Então é bem difícil, principalmente não tendo o apoio da família, como é o meu caso. É complicado.

Vale destacar o quanto o futebol feminino é invisível em nossa sociedade, pois, quando Carolina aponta que “em São Carlos é meio difícil ...”, fica claro que não existe nem um tipo de valorização dos ídolos locais, tendo em vista que a ex-jogadora Mônica Angélica de Paula, com várias conquistas pela seleção brasileira de futebol, com destaque para a medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas-2004, não foi lembrada, assim como não foi citada por nenhuma das outras entrevistadas.

Outros discursos apontam para o desejo de jogar profissionalmente, entretanto quando as meninas atingem 17, 18 anos e percebem o quanto é complicado a permanência e sobrevivência nesta modalidade, acabam procurando caminhos alternativos que permitam realizar o sonho de se

profissionalizarem, contudo não apostam exclusivamente nisto, tendo uma segunda opção de emprego ou de formação:

Maria - Então, eu quero seguir carreira entendeu? eu queria passar em algum teste pra jogar num time assim profissional, ganhar fazendo o que eu gosto mesmo. Então, eu ainda to esperando eu me formar, eu queria passar numa faculdade, ter uma segurança com relação aos estudos pra daí eu correr atrás do futebol.

Analisando o discurso das universitárias, percebe-se que não há mais a intenção de jogar profissionalmente, mas sim de praticar uma atividade física ou incorporar ao momento de lazer uma partida de futebol, como é o caso da entrevistada de 23 anos:

Milena - Na minha idade é mais para lazer. Porque eu gosto muito de jogar. Então, eu acho... acho não, eu não tenho mais futuro. É mais por esporte. Nunca joguei profissionalmente. É uma atividade física pra fazer, aí eu optei pelo futebol.

De acordo com os resultados obtidos, categorizamos os interesses e expectativas das entrevistadas em relação ao futebol e observamos que no geral a prática deste esporte constitui o momento destinado ao lazer, algo sem compromisso apenas por diversão, enquanto que apenas cinco das entrevistadas acreditam ser possível fazer do futebol sua profissão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam para um quadro contraditório em relação ao apoio das famílias às meninas que jogam futebol, indicando que ainda existe muita resistência a esta prática, apesar da expectativa de algumas das garotas de um dia jogar futebol profissionalmente.

Assim, podemos concluir que apesar dos avanços em relação à participação da mulher no futebol, este esporte ainda continua sendo uma reserva masculina com uma série de obstáculos para a participação da mulher tanto enquanto lazer como profissionalmente.

Assim, concordamos com Goellner (2005) que admite que no Brasil, que tem o futebol incorporado à identidade nacional, torna-se importante pensar na necessidade de que a mulher não apenas conquiste seu espaço, mas também o re-signifique, construindo assim aquilo que poderíamos designar como uma identidade nacional ligada ao futebol, que trate a mulher com respeito e dignidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, trezes crônicas e três ensaios sobre futebol.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos em torno al deporte, la violencia y la civilización.** Trad.: Pedro González Del Campo Roman. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico (Verbete). In: HIRATA, Helena et al. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo.** (p. 256-262) São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História.** v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes.** São Paulo. V. 19, n. 2, p. 143-151, abr-jun, 2005.

HARGREAVES, Jenniffer. Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos. In: BROHM, J. M. et al. **Materiales de sociología del deporte.** Madrid: La Piqueta, 1993.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Ed.), **Futebol, cultura e sociedade** (pp. 131-147). Campinas: Autores Associados, 2005.

SEABRA JÚNIOR, Luiz. O futebol feminino no país do futebol. **Movimento & Percepção,** Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, p. 3-5. 2009.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.